

**GENTE POBRE**



**FIÓDOR DOSTOIÉVSKI**

**GENTE POBRE**

Tradução  
Irineu Franco Perpetuo



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em russo

Бедные люди

Produção editorial

Ciranda Cultural

Texto

Fiódor Dostoiévski

Diagramação

Linea Editora

Tradução

Irineu Franco Perpetuo

Design de capa

Ciranda Cultural

Preparação

Yuri Martins de Oliveira

Imagens

Oleg Golovnev/Shutterstock.com;

Maisei Raman/Shutterstock.com;

fatihaydintr/Shutterstock.com

Revisão

Fernanda R. Braga Simon

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D724g Dostoiévski, Fiódor

Gente pobre / Fiódor Dostoiévski ; traduzido por Irineu Franco Perpetuo. - Jandira, SP : Principis, 2021.

160 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: Бедные люди

ISBN: 978-65-5552-228-0

1. Literatura russa. 2. Romance. I. Perpetuo, Irineu Franco. II. Título. III. Série.

2020-2875

CDD 891.73

CDU 821.161.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura russa : Romance 891.73

2. Literatura russa : Romance 821.161.1-3

1ª edição em 2021

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

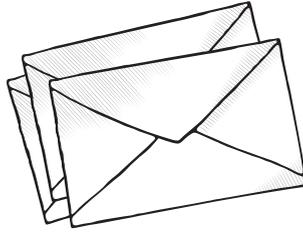
*Ah, estou farto desses contadores de histórias! Não escrevem algo de útil, agradável, prazeroso, e ficam arrancando todos os podres da terra! Pois eu os proibiria de escrever! Ora, o que isso parece: você lê... fica matutando sem querer... e daí todo tipo de absurdo lhe passa pela cabeça; de verdade, eu os proibiria de escrever; sem mais nem menos, proibiria de uma vez.*

*Príncipe V. F. Odóievski<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Epígrafe tirada do conto “O morto vivo” (1839), de V. F. Odóievski (1804-1869). (N.E.)





*8 de abril*

Minha inestimável Varvara Aleksêievna!

Ontem eu estava feliz, desmedidamente feliz, feliz a não mais poder! Pelo menos uma vez na vida, sua teimosa, a senhorita me escutou. À noite, oito horas, acordei (a senhorita sabe, minha querida, que gosto de dormir uma horinha depois do trabalho), peguei uma vela, preparei o papel, limpei a pena, de repente, por acaso, ergui os olhos, de verdade, meu coração deu um salto! Sem mais nem menos, a senhorita entendeu o que eu desejava, o que meu coraçãozinho desejava! Vi um cantinho da cortina da sua janela dobrado e preso no vaso de balsamina, bem do jeito que eu mencionara; imediatamente tive a impressão de que seu rostinho tremeluzia na janela, de que a senhorita me fitava do seu quarto e pensava em mim. E como fiquei chateado, minha pombinha, por não poder discernir direitinho seu rostinho gracioso! Houve um tempo em que eu também via com clareza, minha querida. A velhice não é divertida, minha cara! Agora mesmo meus olhos se turvam; basta trabalhar à noite, escrever algo, e de manhã os olhos ficam vermelhos, e as lágrimas jorram de um jeito que dá até vergonha na presença de estranhos. Contudo, em minha imaginação,

seu sorrisinho cintilava tanto, meu anjinho, seu sorrisinho bonzinho, amável; e no meu coração havia exatamente a mesma sensação de quando eu a beijei, Várienka<sup>2</sup>, lembra-se, anjinho? Sabe, minha pom-binha, que tive até a impressão de que a senhorita me ameaçou com o dedinho? Como assim, sua levada? Escreva-me tudo isso em detalhes em sua carta, sem falta.

Bem, que tal nossa invenção referente à sua cortina, Várienka? Um primor, não é verdade? Posso estar trabalhando, ir dormir, acordar, e sei que a senhorita está pensando em mim, que está bem de saúde e alegre. Baixar a cortina quer dizer adeus, Makar Aleksêievitch, está na hora de dormir! Levantar quer dizer bom dia, Makar Aleksêievitch, dormiu bem, ou como está de saúde, Makar Aleksêievitch? No que toca a mim, eu, graças ao Criador, estou firme e forte de saúde! Veja, alma minha, como isso foi bem pensado; não precisa nem de carta! Ardiloso, não é verdade? E fui eu que inventei! E então, como estou me saindo nessas coisas, Varvara Aleksêievna?

Informo-lhe, minha querida Varvara Aleksêievna, que nesta noite dormi em ordem, contra as minhas expectativas, o que me deixa bastante satisfeito; embora em um apartamento novo, numa nova moradia, sempre se durma mal; sempre parece que tem algo fora do lugar! Hoje eu acordei como o falcão luminoso<sup>3</sup>, feliz e contente! Que manhã linda a de hoje, minha querida! Abri a janelinha de casa; o solzinho brilhava, os passarinhos gorjeavam, o vento soprava com os aromas da primavera, e toda a natureza se animava, bem, o resto também correspondia; tudo em ordem, tudo primaveril. Hoje até tive sonhos bem agradáveis, e todos os meus sonhos foram com a senhorita, Várienka.

---

<sup>2</sup>Diminutivo de Varvara. (N.T.)

<sup>3</sup>O falcão luminoso é uma referência ao conto popular russo “A pluma de Fínist, o falcão”. Fínist é um príncipe transformado em falcão que, com a ajuda de uma bondosa donzela, consegue retomar sua forma humana. (N.R.)

Comparei-a ao passarinho dos céus, criado para consolo das gentes e embelezamento da natureza. Também pensei, Várienka, que nós, pessoas que vivem na inquietude e na aflição, devíamos igualmente invejar a felicidade despreocupada e inocente do passarinho dos céus, bem, e todo o resto era igual, nesse gênero; ou seja, fiquei fazendo comparações assim, afastadas. Tenho um livrinho, Várienka, que é igual, tudo está descrito de forma bastante detalhada. Escrevo isso para dizer que os sonhos são vários, querida. E agora é primavera, de modo que todos os pensamentos são muito agradáveis, espirituosos, requintados, e os sonhos são meigos; tudo é cor-de-rosa. Por isso escrevi isso tudo; aliás, peguei isso tudo do livrinho. Lá o autor manifesta o mesmo desejo em versos, e escreve:

– Por que não sou uma ave, uma ave de rapina?

E, etc. Ainda tem outros pensamentos, mas que fiquem com Deus! E para onde a senhorita foi hoje de manhã, Varvara Aleksêievna? Eu ainda não tinha saído para o serviço e a senhorita, como um verdadeiro pássaro da primavera, já saíra voando do quarto e passava muito alegre pelo pátio. Como fiquei alegre ao contemplá-la! Ah, Várienka, Várienka! Não fique triste; as lágrimas não ajudam contra o pesar; sei disso, minha querida, sei disso por experiência. Agora a senhorita está muito calma, e sua saúde melhorou um pouco. Bem, e a sua Fedora? Ah, que mulher boa! Escreva-me, Várienka, como está vivendo agora com ela, e se estão satisfeitas com tudo. Essa Fedora é um pouco rãbugenta; mas não ligue para isso, Várienka. Que Deus a guarde! Ela é muito boa.

Já lhe escrevi a respeito da Teresa daqui, também é uma mulher boa e fiel. E eu já estava tão preocupado com nossas cartas! Como seriam entregues? Daí o Senhor mandou Teresa, para nossa felicidade. É uma mulher boa, dócil, taciturna. Mas a nossa patroa é simplesmente impiedosa. Faz dela um trapo, de tanto trabalho.

Mas em que cafundó eu fui parar, Varvara Aleksêievna! Que apartamento! Afinal, antes, como sabe, eu vivia como surdo; dava para ouvir até o voo das moscas. E aqui é barulho, grito, berreiro! Mas a senhorita ainda não sabe como tudo está organizado aqui. Imagine, por exemplo, um corredor comprido, totalmente escuro e imundo. À direita, há uma porta inteiriça e, à esquerda, há porta atrás de porta, estendendo-se em fileira, como quartos de hotel. Bem, alugam esses quartos, todos de aposento único; moram neles uma, duas, três pessoas. Não pergunte qual é a ordem, uma arca de Noé! Aliás, aparentemente, as pessoas são boas, todas muito instruídas, cultivadas. Há um funcionário (de alguma repartição literária), um homem lido: fala de Homero, de Brambéus<sup>4</sup>, de diversos autores, fala de tudo, é um homem inteligente! Moram dois oficiais, e jogam cartas o tempo todo. Mora um aspirante da Marinha; mora um professor inglês. Espere que vou diverti-la, querida; em uma carta futura, vou descrevê-los de forma satírica, ou seja, como são, em todos os detalhes. A senhoria, uma velhota muito pequena e suja, fica o dia inteiro de chinelos e roupão, e grita o dia inteiro com Teresa. Moro na cozinha, ou seria bem mais justo dizer assim: ao lado da cozinha há um quarto (e nossa cozinha, devo observar, é limpa, clara, muito bonita), um quartinho pequeno, um cantinho tão acanhado... ou seja, ou dizendo ainda melhor, a cozinha é grande, com três janelas, e eu tenho um tabique junto à parede transversal, que resulta em mais um aposento, um quarto supranumerário; bastante espaçoso, confortável, tem janela e tudo, em suma, bem confortável. Bem, esse é o meu cantinho. Bem, mas não vá pensar, querida, que há algum sentido diferente e oculto; ora, é a cozinha! Ou seja, eu vivo mesmo nesse aposento detrás do tabique, mas

---

<sup>4</sup> Barão Brambéus, pseudônimo de O. I. Senkóvski (1800-1858), editor da revista *Biblioteca de Leitura*, cujos artigos e novelas fizeram dele o ídolo do funcionalismo e do público pouco instruído em geral. (N.E.)

isso não é nada; afastado de todos os palacetes, vivo na miúda, vivo na calada. Coloquei uma cama, uma mesa, uma cômoda, um par de cadeiras, pendurei um ícone. Verdade que há alojamentos melhores, talvez haja até bem melhores, mas o conforto é o principal; pois estou neste pelo conforto, não ache que é por outra coisa. Sua janelinha fica do lado oposto; o pátio é estreito, vejo-a de passagem, tudo deixa muito alegre este malfadado aqui, e é mais barato. Aqui, o último dos quartos, com a comida, custa trinta e cinco rublos em notas<sup>5</sup>. Não é para o meu bolso! O meu alojamento custa-me sete rublos em notas, mais cinco pela comida; são 24 e meio, enquanto antes pagava trinta, e renunciava a muita coisa; nem sempre tomava chá, e agora ganho chá e açúcar. Sabe, minha cara, não tomar chá dá uma certa vergonha; aqui todo mundo tem recursos, então dá vergonha. Você toma pelos outros, Várienka, pela aparência, pelo bom-tom; mas, para mim, dá na mesma, não sou caprichoso. Acrescente a isso um dinheiro no bolso, sempre precisa-se ter algum, bem, uns sapatinhos, umas roupinhas, sobra muito? E vai aí todo o meu ordenado. Não me queixo, e estou satisfeito. É suficiente. Já faz alguns anos que é suficiente; também há gratificações. Bem, adeus, meu anjinho. Comprei um par de vasos de balsamina e gerânio, não é caro. Mas talvez a senhorita goste de resedá? E resedá tem também, escreva; sim, sabe, escreva tudo o mais detalhado possível. Aliás, não pense nada e não duvide de mim, querida, por eu ter alugado um quarto desses. Não, foi o conforto que me obrigou, e só o conforto me seduziu. Querida, é que estou juntando dinheiro, guardando; arrumando um dinheirinho. Não ligue para eu ser tão fraquinho, por parecer que uma mosca me quebraria com sua asa. Não, querida, sou esperto, e o caráter é perfeitamente adequado a um homem decente, firme e de espírito sereno. Adeus, meu anjinho!

<sup>5</sup> Papel-moeda introduzido na Rússia em 1769 e trocado, em 1843, por bilhetes de crédito. Na década de 1830, um rublo em notas equivalia, pelo câmbio oficial, a 27 copeques de prata. (N.E.)

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Quase enchi duas folhas de papel, e já passou muito da hora de ir para o serviço. Beijo-lhe os dedinhos, querida, e continuo

seu devotadíssimo criado e fidelíssimo amigo

*Makar Diévuchkin*

P.S.: peço uma coisa: responda, meu anjinho, o mais detalhado possível. Envio-lhe com esta, Várienka, uma librazinha de bombons; coma-os à vontade e, pelo amor de Deus, não se preocupe comigo, nem fique agastada. Bem, então adeus, querida.



*8 de abril*

Prezado senhor Makar Aleksêievitch!

Sabe que enfim tenho que brigar completamente com o senhor? Juro-lhe, meu bom Makar Aleksêievitch, que é até difícil para mim aceitar seus presentes. Eu sei o quanto eles lhe custam, que privações e renúncias ao que é indispensável para o senhor mesmo. Quantas vezes lhe disse que não preciso de nada, de absolutamente nada; que não tenho forças de recompensá-lo pelos favores dos quais me cobriu até agora. E o que vou fazer com esses vasos? Bem, as balsaminazinhas ainda não são nada, mas para que o gerânio? Basta dizer uma palavrinha descuidada, como por exemplo sobre este gerânio, e o senhor imediatamente compra; com certeza, custou caro, não? Que encanto de flores! Escarlate, com cruzinhas. Onde o senhor arrumou um gerânio tão bonitinho? Coloquei no meio da janela, no lugar mais visível; no chão vou

colocar um banco e, no banco, mais flores; deixe apenas eu enriquecer! Fedora não cabe em si de contente; agora, temos algo como um paraíso no quarto, limpo, luminoso! Bem, e para que os bombons? Verdade que, pela carta, adivinhei imediatamente que algo no senhor não vai bem, paraíso, primavera, fragrâncias a voar, pássaros a gorjear. O que é isso, pensei, não tem versos também? Afinal, na verdade, só faltam versos na sua carta, Makar Aleksêievitch! Sensações meigas, sonhos cor-de-rosa, tem tudo aqui! Na cortina eu nem pensei: provavelmente prendeu-se sozinho quando eu estava mudando os vasos de lugar; foi isso!

Ah, Makar Aleksêievitch! Por mais que fale, por mais que calcule suas rendas para me enganar, para mostrar que todas vão apenas para o senhor, não consegue esconder nem ocultar nada de mim. Está claro que o senhor se priva do que é necessário por minha causa. Como foi ter a ideia, por exemplo, de alugar um apartamento desses? Afinal, aí o incomodam, perturbam; é apertado, desconfortável. O senhor ama a solidão e ninguém perto de si! E o senhor podia morar bem melhor, a julgar por seus vencimentos. Fedora diz que antes o senhor vivia incomparavelmente melhor do que agora. Por acaso vai passar toda a sua vida assim, em solidão, em privação, sem alegria, sem uma palavra amiga de saudação, alugando um canto entre gente estranha? Ah, bom amigo, como tenho pena do senhor! Cuide pelo menos de sua saúde, Makar Aleksêievitch! O senhor diz que sua vista está enfraquecendo, então não escreva à luz de velas; para que escrever? Mesmo sem isso, seu zelo ao serviço já é provavelmente conhecido dos seus chefes.

Mais uma vez lhe imploro, não gaste tanto dinheiro comigo. Sei que gosta de mim, mas o senhor não é rico... Hoje também acordei alegre. Eu estava tão bem; Fedora já trabalhava há tempos e conseguiu trabalho também para mim. Fiquei muito contente; saí só para comprar seda e me pus a trabalhar. Passei a manhã inteira com a alma tão leve, estava tão alegre! E agora voltam todos os pensamentos negros, é triste; todo o coração padece.

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Ah, o que será de mim, qual será meu destino? É duro estar em tamanha incerteza, não ter futuro, não poder sequer prever o que será de mim. Também é medonho olhar para trás. Lá o pesar é tamanho que o coração arrebenta por completo só de lembrar. Para sempre me queixarei das pessoas cruéis que me arruinaram!

Cai a tarde. Está na hora de trabalhar. Queria escrever-lhe muito, mas não tenho tempo, o trabalho urge. Tenho que me apressar. Claro que carta é uma coisa boa; tudo fica menos chato. Mas por que o senhor nunca vem aqui? Para que isso, Makar Aleksêievitch? Afinal, agora o senhor está perto, e às vezes arruma tempo livre. Venha, por favor! Vi a sua Teresa. Ela parece muito doente; fiquei com dó dela; dei-lhe vinte copeques. Sim! Estava quase esquecendo: escreva sem falta, o mais detalhado possível, sobre o seu dia a dia. Quem são as pessoas ao seu redor, e se convive bem com elas. Tenho muita vontade de saber isso tudo. Olhe lá, escreva sem falta! Hoje vou dobrar a ponta da cortina de propósito. Vá deitar mais cedo; ontem vi sua luz acesa até a meia-noite. Bem, adeus. Hoje tenho angústia, tédio e tristeza! Sabe, um dia daqueles! Adeus.

Sua

*Varvara Dobrossiólova*



*8 de abril*

Prezada senhorita Varvara Aleksêievna!

Sim, querida, sim, minha cara, foi mais um diazinho daqueles na minha sina malfadada! Sim; a senhorita, Varvara Aleksêievna, zombou

de mim, um velho! Aliás, a culpa é minha, toda minha! Nos anos de velhice, com uns fiapos de cabelo, não devia me jogar em amores e equívocos... E digo mais, querida: o homem às vezes é esquisito, muito esquisito. E por todos os santos! De que se põe a falar, por vezes! E no que resulta, qual a consequência disso? Não tem nenhuma consequência, mas resulta em tamanha asneira que Deus me livre! Eu, querida, eu não me zango, só que é um desgosto tão grande me lembrar disso, um desgosto por ter-lhe escrito de forma tão figurada e tola. Hoje também fui para o serviço todo pimpão; tinha uma auréola no coração. Sem mais nem menos, minha alma estava em festa; estava alegre! Lancei-me aos papéis com diligência, mas qual foi depois o resultado disso? Depois, assim que olhei ao redor, tudo ficou como antes, cinzento e escuro. As mesmas manchas de tinta, as mesmas mesas e papéis, e eu também era o mesmo; continuava exatamente o mesmo que era então para que cavalgara Pégaso? De onde veio isso tudo? De o solzinho sair e o céu estar azul! Será que foi disso? E que história é essa de aromas, quando, debaixo das janelas do nosso pátio, tem cada coisa! Quer dizer que tive toda essa impressão de tonto que sou. Mas, às vezes, acontece de uma pessoa se deixar levar pelos próprios sentimentos ao ponto de proferir disparates. Isso só decorre de um ardor de coração excessivo, estúpido. Não caminhei para casa, arrastei-me; sem mais nem menos, minha cabeça doía; quer dizer, fui de mal a pior. (Acho que peguei uma friagem nas costas.) Bobo dos bobos, fiquei contente com a primavera, e saí com um capote leve. Quanto aos meus sentimentos, enganou-se, minha cara! Levou o desafoço deles para o lado completamente oposto. Foi a afeição paterna que me inspirou, apenas a pura afeição paterna, Varvara Aleksêievna; pois cumpro o papel de seu pai, devido à sua amargura de ser órfã; falo isso de coração, de coração puro, como um parente. Afinal, seja como for, sou seu parente distante, parente por parte de Adão e Eva, como diz o ditado, mas mesmo assim parente, e agora o parente